

AFRO-ALUNOS: Experiência de estágio para contribuir com a lei 11645/08

DIEGO SCHMITZ¹; Dra. LARISSA PATRON³

¹ Universidade Federal de Pelotas – ruasilva107@gmail.com 1

³ Universidade Federal de Pelotas – larissapatron@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar o relatório de estágio do ensino Médio da Disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Visuais II – UFPEL ministrado pela professora Dra. Larissa Patron. O estágio foi feito no Colégio Estadual de Ensino Médio Dom João Braga de Pelotas – RS, para onde levei inicialmente uma proposta de trabalho que visava uma desconstrução do ideal de belo e feio na Arte. No decorrer das aulas, mostrada a lacuna frente a cultura negra, refiz alguns planos de aula e decidi discutir a cultura afro-brasileira com meus alunos que eram predominantemente negros.

No estágio iniciei os trabalhos com uma discussão sobre o Belo e o Feio na Arte por meio de atividades que conseguissem fazê-los discutir a questão na prática. Assim, elaborei atividades de pintura e desenho que conseguissem me auxiliar na construção dos meus objetivos juntamente com a teoria, uso da história da arte e movimentos pontuais que fomentam até hoje acirradas discussões sobre a arte, o caso da Arte Conceitual¹, por exemplo. Porém, ao longo das primeiras aulas, uma das coisas que reparei foi o fator étnico racial que estava presente entre meus alunos, pois conforme afirmei, a maioria deles eram negros. Pelo fato de ter em minha formação estudado e aplicado atividades sobre a africanidade por meio de uma projeto de extensão, o Grupo DEA², eu levei para eles alguns artistas negros e alguns exemplos da situação dos negros ao longo da história de nossa pátria e do próprio município de Pelotas-RS. A falta de conhecimento sobre a cultura afro-brasileira me causou uma angústia tremenda, com isso, reverti muitas de minhas aulas para a questão da africanidade, e meu objetivo e atividades que versariam somente a arte e suas discussão se focaram na questão da lei 11645³.

Para melhor dizer da negritude, trago Abdias do Nascimento (1980) que trás em seu discurso um manifesto onde retrata as melhores formas para solucionar as lacunas impostas pela sociedade branca aos negros brasileiros, retratando assim, de antemão, políticas sociais que romperiam a partir dos anos 90 e tiveram

1 A Arte Conceitual teve como inspiração principalmente os ready-mades de Marcel Duchamp, objetos retirados do cotidiano das pessoas, e reapresentados como elementos do processo criativo. Nesse caso, o artista havia privilegiado a idéia, em detrimento do objeto, já que esse podia ser facilmente encontrado na sociedade. (Arte do Século XX/XXI, 2015)

2 Grupo DEA: o D.E.A. Grupo de Extensão e Pesquisa Design, Escola e Arte “Construindo Conhecimento e Fazendo Arte”, coordenado pela Professora Doutora Rosemar Gomes Lemos. Tal projeto tem por objetivo conscientizar e proporcionar às crianças (pertencentes às instituições públicas de Pelotas) uma reflexão sobre diversas problemáticas envolvendo, o indígena, o meio ambiente, a lei 10.639/03 e reflexões sobre temas da atualidade que se inserem no âmago das periferias através de filmes e oficinas práticas de Artes, fazendo uso de materiais didáticos (vídeos, jogos e livros) do projeto “A Cor da Cultura”, além de outros produzidos pelo próprio grupo de extensão e pesquisa. (SCHMITZ, 2013)

3 Lei 11645 obriga as instituições de ensino do país a trabalhar a cultura indígena e afro-brasileira. (BRASIL, 2008)

a partir dessa data o tratamento e discussões acerca da cultura, das dificuldades e de ações para melhor dar assistência e respeito ao povo brasileiro. Frente a esse respeito, propor uma discussão sobre a identidade, sobre nossas diferenças usufruindo da Arte.

Sobre educação busco o Conceito da Educação Bancária de Freire (1987) para discutir o papel do professor na hora de conseguir fazer com que o aluno tenha uma visão de sua realidade, para que critique e possa fazer com que o conhecimento que está ali, perambulando entre professor e aluno, não seja somente um produto sólido, sem condições ou desinteressante para conseguir transformar o aluno em um ser crítico, um agente social que vá atrás de sua história e de soluções para as lacunas do seu meio. Assim, agente de seu mundo e conhecedor de suas mazelas, quem sabe o saber de si, possa levá-lo a se ver e ser negro sem medo de sê-lo.

Visando os parâmetros Curriculares (1998) conduz um ensino de Arte que possa “Observar as relações entre a arte e a realidade, refletindo, pesquisando, a sensibilidade, argumentação e a Arte de modo sensível. São essas palavras que me fazem conciliar os teóricos expostos com o que pretendo, para que eu consiga perceber formas para chegar ao aluno para melhor explorar seus interesses para poder refletir com eles a cultura africana e a Arte de um modo geral discutindo a identidade e a autoafirmação. Entretanto: O entendimento sobre o desenvolvimento e a construção da autoestima, do autoconceito e da identidade nos leva a crer que a despreocupação com a convivência multiétnica, quer na família, quer na escola, concorre para a construção de indivíduos preconceituosos e discriminadores. O não-questionamento dessa questão pode levar inúmeras crianças e adolescentes a cristalizarem aprendizagens baseadas, muitas vezes, no comportamento acrítico dos adultos à sua volta (CADERNO 1, A COR DA CULTURA, p. 88)

Desenvolvi para o estágio, doze aulas, em dois períodos por semana, 45min cada uma, uma na segunda, primeiro horário, 19 horas, e outra na quarta, variando entre às 20:45 horas e 22:20 horas. Porém, depois que percebi a lacuna do conhecimento dos alunos sobre sua própria cultura, variei um pouco as atividades e a própria teoria.

2. METODOLOGIA

Iniciei as atividades pensando em passar uma boa ideia de arte, de conceitos e de práticas. Porém, como percebi ao longo das aulas iniciais uma turma acanhada, sem muita motivação, isso me incomodou muito. Precisava mediar o meio deles, pobre, desconhecido, esbranquiçado, para tentar dialogar, para conseguir incomodá-los a se pensarem, precisava ser o professor da teoria e da prática.

Nas aulas teóricas, depois da quinta aula, a questão do negro começou a ser levada aos alunos, e discuti juntamente com eles a questão da escravidão, o negro na atualidade, os heróis negros, sempre levando exemplos de artistas ou personalidades negras, bem como a figura como Abdias do Nascimento para falar da luta dos militantes negros para ir de encontro com Freire(1987) que diz que o professor deve criar um aluno crítico, e nada melhor do que isso, do que mostrando sua história, seus heróis e suas lutas com um viés de um fazer artístico que viabilize a sensibilização do aluno, o que se insere no contexto de Duarte Jr. E que tem nesse despertar do interesse do professor e do aluno, a questão que Freire(1987) comenta no conceito da educação bancária.

Frente a prática, a arte conseguiu fazer com que eu visse naqueles alunos grandes pessoas, embora algumas acanhadas, medrosas que levasse em si a vergonha de ser negras, ou somente a vergonha, adolescentes, não importando a cor, tem vergonha de como são, eu tive vergonha, demorei para perde-la. Com eles foi igual. A arte aqui entrou como um meio para fazê-los perceber suas potencialidades.

Lembro-me do primeiro trabalho feito, foi sobre animais híbridos para discutir habitat, diferenças, depois desenhos mais soltos para trabalharem o gesto... Mais tarde algo mais pontuado à figura humana, sua deformação, principalmente, para enfim entrar no autorretrato. Onde as técnicas livres, eram então desconhecidas. Eu quis deixar que eles testassem os materiais, isso deu super certo, desse modo eu percebi que o aluno que antes pouco falava se prendia no trabalho e perguntava coisas sobre os materiais, perguntava coisas sobre meus trabalhos que usava como exemplo, eu sempre dizia que eles eram trabalhos simples e demonstrava o por que. Eles se empenhavam em seus trabalhos, sem ficar com vergonha perante os exemplos do professor. Com essa ligação entre os meus trabalhos, as possibilidades e a quantidade de materiais que coloquei a disposição deles, eu reparei nessa aproximação, o que me ajudou a lançar algumas perguntas aleatórias para eles, sobre suas cores, sobre a negritude em geral... Porém, o tamanho da folha onde se desenharam contribuiu para eles se vissem de modo diferentes, um trabalho grande, em A1 (59 x 84 cm) dá importância ao seu próprio trabalho.

Aproximei-me, conversei, conversamos, faltou muito mais conteúdo sobre a negritude, faltou discutir mais, mostrar mais negros em lutas pelo respeito, ao menos, quando via que eles se desenhavam sem vergonha de quem são, vi que dei um passo importante à lei 11645, pois se ela vê a educação como meio de fazer valer seus ideais, saberemos então que seus resultados mais significativos serão a longo prazo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciei as atividades pensando em passar uma boa ideia de arte, de conceitos e de práticas. Porém, como percebi ao longo das aulas iniciais uma turma acanhada, sem muita motivação, isso me incomodou muito. Precisava mediar o meio deles, pobre, desconhecido, esbranquiçado, para tentar dialogar, para conseguir incomodá-los a se pensarem, precisava ser o professor da teoria e da prática.

Nas aulas teóricas, depois da quinta aula, a questão do negro começou a ser levada aos alunos, e discuti juntamente com eles a questão da escravidão, o negro na atualidade, os heróis negros, sempre levando exemplos de artistas ou personalidades negras, bem como a figura como Abdias do Nascimento para falar da luta dos militantes negros para ir de encontro com Freire(1987) que diz que o professor deve criar um aluno crítico, e nada melhor do que isso, do que mostrando sua história, seus heróis e suas lutas com um viés de um fazer artístico que viabilize a sensibilização do aluno, o que se insere no contexto de Duarte Jr. E que tem nesse despertar do interesse do professor e do aluno, a questão que Freire(1987) comenta no conceito da educação bancária.

Frente a prática, a arte conseguiu fazer com que eu visse naqueles alunos grandes pessoas, embora algumas acanhadas, medrosas que levasse em si a vergonha de ser negras, ou somente a vergonha, adolescentes, não importando a cor, tem vergonha de como são, eu tive vergonha, demorei para perde-la. Com eles é igual. A arte aqui entrou como um meio para fazê-los perceber suas

potencialidades, um incentivo, uma ideia para o que fazer depois com o que produzem, como evoluir, falando de artistas que fazem coisas parecidas, sempre é um grande incentivo para que eles acordem, acordar, despertar, ser, é um grande dilema que temos hoje em nossa sociedade, e a Arte, pode dar modos para mostrar ao aluno modos de pensar, refletir e criar, usar a imaginação, ganhar um status de matéria importante, e não somente mais uma coisa para aprenderem porque precisam.

Lembro-me dos primeiros trabalhos que fiz com eles, primeiro um trabalho sobre animais híbridos para discutir habitat, diferenças, depois desenhos mais soltos para trabalharem o gesto... Mais tarde algo mais pontuado à figura humana, sua deformação, principalmente, para enfim entrar nos autorretrato. Onde as técnicas livres, eram então desconhecidas. Eu quis deixar que eles testassem os materiais, isso deu super certo, desse modo eu percebi que o aluno que antes pouco falava se prendia no trabalho e perguntava coisas sobre os materiais, perguntava coisas sobre meus trabalhos que usava como exemplo, eu sempre dizia que eles eram trabalhos simples e demonstrava o por que. Eles se empenhavam em seus trabalhos, sem ficarem com vergonha perante os exemplos do professor. Com meus trabalhos, as possibilidades e a quantidade de materiais que coloquei a disposição deles, eu reparei nessa aproximação deles, o que me ajudou a lançar algumas perguntas aleatórias para eles, sobre suas cores, sobre a negritude em geral...

De modo geral, eu consegui falar de Arte, consegui discutir várias coisas, como coloquei, os alunos demoraram em se soltar. Demorei até perceber e por o que Freire (1987), Duarte Júnior (1991) e que a cultura negra expõe como formas de educação para criar um aluno mais preparado a pensar seu meio. Eu fiz o máximo que pude, educação é um processo longo, cansativo, que te suga, e a motivação, e a determinação, e a leitura das pessoas e da sociedade que lhe cerca é vital para que você consiga fazer a diferença. Assim tanto as leituras que tive nas aulas de estágio, quanto as do meu projeto e pleno de ensino, me deram base para ter o estalo revelador para conseguir me aproximar dos meus alunos.

Aproximei-me, conversei, conversamos, faltou muito mais conteúdo sobre a negritude, faltou discutir mais, mostrar mais negros em lutas pelo respeito, ao menos, quando via que eles se desenhavam sem vergonha de quem são, vi que dei um passo importante à lei 11645, pois se ela vê a educação como meio de fazer valer seus ideais, saberemos então que seus resultados mais significativos serão em longo prazo. Quanto a técnicas, não consegui me aprofundar. Acabei mostrando que existem outros materiais não sendo giz de cera e lápis de cor para serem trabalhados em Artes.

4. CONCLUSÕES

Em vista do curso de Artes ter posto recentemente a cadeira da Cultura Afro e por ser a lei 11645, de 2008, se espera que esse trabalho ajude outros professores a também observar em suas lacunas e tentar saná-las, pois se além a uma questão que como pesquisador da arte-educação é revelado a cada autor que conheço, a importância do professor propor atividades que dialoguem com a realidade dos alunos, colocando neles algumas situações, cuja reações os provoquem. Assim, procurei provocar esses alunos a se pensarem como negros, o que talvez não seja algo simples para um negro emergido em uma sociedade que aos poucos vai descobrindo sua pluralidade cultural.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDIAS DO NASCIMENTO. Acessado em: 03 jul. 2015. Disponível em: <http://www.abdias.com.br/>

A COR DA CULTURA. Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br>. Acesso em: 03 Jul. 2015.

ALVES, R. Conversas com quem gosta de ensinar. São Paulo. Cortez Editora, Autores Associados, 1984.

ARTE DO SÉCULO XX/XXI – Visitando o MAC na Web. Mapeamento do MÓVULO V. Acessado em 21 jul. 2015. Disponível em: <http://migre.me/qQVFc>

BRASIL. Lei no 11.645, de 10 de março de 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JUNIOR, J. F. D. Por que arte-educação? 15ª Edição. Papirus Editora. Coleção Ágere. São Paulo, 1991.

SCHMITZ, D. Diferentes Teorias E Práticas Pedagógicas De Arte Na Construção Da Cidadania Acessado em: 03 jul. 2015.. Disponível em: <http://migre.me/qQVJY>